

**A VARIÁVEL PRONOME SUJEITO:
O “PRONOME NULO” E O “PRONOME PLENO”
COMO FORMAS VARIANTES EM “OUVI” E “OUVIU”
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DOS SÉCULOS XIX E XX**

Lílian Rodrigues de Almeida (UFMG)
lilianrodrigues.br@gmail.com

RESUMO

O português brasileiro vem adotando o parâmetro não *pro-drop* de paradigmas verbais. Esse é um fenômeno linguístico que tem sido estudado na literatura para melhor caracterizar e descrever a língua. O presente trabalho se insere nessa linha de pesquisa. A proposta consistiu em avaliar a configuração do parâmetro *pro-drop/não pro-drop* no português brasileiro por meio de um estudo diacrônico com dados extraídos do “*Corpus do Português*”. Foram comparadas as ocorrências dos pronomes pleno e nulo para a primeira e a terceira pessoa do singular entre os séculos XIX e XX, com as palavras-chave “ouvi” e “ouviu”. A análise e o tratamento estatístico dos dados mostraram que a tendência não *pro-drop* do português brasileiro apenas pôde ser evidenciada na terceira pessoa do singular, apontando progressão da variante “pronome pleno”. A primeira pessoa apresentou variação estável. Os resultados obtidos, além de colaborarem com os estudos variacionistas do português, podem ser também analisados pela psicolinguística. Esse ramo do conhecimento, que estuda o processamento da linguagem, analisa essa natureza de fenômeno em termos da funcionalidade e do custo cognitivo, aspectos que justificariam as configurações assumidas pela língua.

Palavras-chave:

Variação linguística. Psicolinguística. Português brasileiro. *Pro-drop*. *Corpus*.

1. Introdução

Línguas *pro-drop*²¹ permitem que tanto o objeto quanto o sujeito sejam omitidos da sentença. A maioria das línguas românicas que permitem a queda do sujeito é parcialmente *pro-drop*, pois tem morfosyntaxe suficientemente informativa para propiciar sua inferência. Por essa razão, os sujeitos nulos podem ser mais funcionais para essas línguas em relação aos sujeitos de pronome pleno. (GELORMINI LEZAMA; ALMOR, 2011, p. 452)

O português europeu se encaixa na descrição de Gelormini Lezama e Almor (2011, p. 452) sobre línguas românicas *pro-drop*. De acordo

²¹ *Pro-drop* é abreviatura do inglês “pronoun-dropping” – “queda ou omissão do pronome”. [NE]

com Roberts (1993, p. 125), todas as línguas neolatinas ditas padrão (espanhol, italiano, romeno e português europeu), à exceção do francês, apresentam sujeito nulo, tal como o latim apresentava. O português brasileiro, entretanto, exibe um comportamento diferente para esse parâmetro (DUARTE, 1996, p. 96). Essa língua estaria adquirindo um padrão não *pro-drop*.

O objetivo do presente estudo é contribuir com a investigação da tendência não *pro-drop* no português brasileiro. Por meio de uma amostra retirada do *Corpus do Português*, concentrada em dados sobre a primeira e a terceira pessoas nas palavras-chave “ouvi” e “ouviu” nos séculos XIX e XX, foi feita uma análise da configuração desse parâmetro na língua, tratando de verificar se ele é detectável nos registros e apontando se esse fato da língua ocorre como variação estável ou em progressão. Este artigo traz, ainda, uma breve discussão sobre como a psicolinguística interpreta essa natureza de fenômeno.

2. O parâmetro *pro-drop*: características e implicações

2.1. O parâmetro *pro-drop*: configuração linguística

Chomsky (1981, p. 241) determinou o parâmetro *pro-drop* como uma forma de caracterizar línguas quanto ao uso do sujeito nulo em seus paradigmas verbais. No início, o referido parâmetro era diretamente associado ao sistema flexional das línguas: se ele fosse considerado suficientemente rico para permitir a inferência do referente, a língua era, então, classificada como *pro-drop*. Contudo, trabalhos que mostravam línguas sem qualquer flexão no paradigma verbal, e que ainda assim eram *pro-drop*, como as orientais chines e japones, ou aquelas cujo paradigma verbal se aproxima ao de línguas românicas *pro-drop* em termos de riqueza flexional, mas que não permitem sujeito nulo, como o alemão, retiraram a exclusividade do quesito riqueza do paradigma verbal no estabelecimento do parâmetro *pro-drop* das línguas (ROBERTS, 1993, p. 150).

Huang (1984, p. 537), ao estudar o parâmetro *pro-drop* no chinês, contradisse a proposta inicial da correlação direta entre riqueza morfológica verbal e sujeito nulo e suscitou explicações diferentes. Essa língua, que não apresenta qualquer concordância verbal, permite o emprego de sujeitos nulos. Jaeggli e Safir (1989, p. 31), então, propuseram que o elemento-chave orientador do parâmetro *pro-drop* era a uniformidade morfológica. Essa uniformidade consistia em que os paradigmas verbais

da língua fossem ou completamente constituídos por formas derivadas (com desinências de tempo, modo, número, pessoa etc. identificando o sujeito) ou completamente organizados por formas não derivadas (em que a correferência com um elemento nominal identificaria o sujeito).

Entretanto, essa nova tentativa de explicação foi refutada. Roberts (1993, p. 125) mostrou que o paradigma verbal do francês antigo era misto, pois a primeira pessoa do singular apresentava desinência zero. Assim, o pesquisador concluiu que o parâmetro *pro-drop* ocorreria se o paradigma verbal fosse funcionalmente rico. A desinência zero da primeira pessoa do francês contrastava funcionalmente com o sistema flexional das demais pessoas do discurso.

2.1.1. O fator funcional: uma explicação psicolinguística

A psicolinguística vem investigando o processamento mental de diversas estruturas gramaticais, dentre elas as anáforas de sujeito. Os experimentos mostram que o fator funcionalidade é decisivo na carga cognitiva que pronomes nulos ou plenos podem representar no processamento das sentenças, o que será brevemente apresentado a seguir.

De acordo com Gernsbacher (1989, p. 103), o processamento de anáforas de nomes repetidos seria sempre o mais rápido dentre os tipos de anáfora, pois, ao trazer em sua forma todas as características do referente, facilitaria sua recuperação pela memória de trabalho. Entretanto, evidências experimentais logo mostraram que essa hipótese não era procedente, pois, ao contrário do que enunciou Gernsbacher (1989, p. 103), nomes repetidos tendem a demandar maior tempo de processamento (GORDON *et al.*, 1993, p. 311, *inter alia*). Almor (1999, p. 749), ao explicar esse fenômeno, comparou o processamento de anáforas à máxima griceana da quantidade: a anáfora deve ser tão informativa quanto necessário, mas não mais. Segundo esse autor, a redundância de informações semânticas entre a anáfora e o contexto linguístico sobrecarregaria a capacidade da memória de trabalho, tornando o processamento mais lento. É o que ele chama de hipótese da carga informacional.

Vários estudos corroboram essa hipótese (*e.g.*, YANG *et al.*, 1999; GELORMINI-LEZAMA; ALMOR, 2011; MAIA; CUNHA LIMA, no prelo), estudando esse efeito em distintas línguas por meio da medida do tempo de reação (feita com um rastreador ocular) na leitura dos diferentes tipos de sujeitos. Yang *et al.* (1999, p. 723), pesquisando

o chinês, encontraram um maior tempo de processamento para a anáfora de nome repetido, ou seja, quando se repete o referente (a chamada “penalidade do nome repetido”, em relação às anáforas chamadas reduzidas, os pronomes plenos e nulos, que apresentaram tempo de processamento semelhante entre si. Os autores sugerem que ambas as anáforas reduzidas são funcionais, e que a escolha seria estilística.

Gelormini-Lezama e Almor (2011) realizaram na língua espanhola estudo semelhante ao de Yang *et al.* (1999) e encontraram maior tempo de processamento para os nomes repetidos e para os pronomes plenos, em relação aos pronomes nulos. Nesse experimento, o pronome pleno representava uma redundância, pois era possível depreender o referente por pronomes nulos a partir de informações como desinências verbais. Entretanto, em experimento adicional, observou-se que, quando essa inferência é imprecisa por ser o contexto ambíguo, o pronome pleno torna-se informativo, o que fez com que o efeito de penalidade do pronome pleno do primeiro experimento desaparecesse. Os autores concluíram que, como a morfologia verbal chinesa não é tão rica quanto a espanhola, os dados de gênero e número contidos nos pronomes plenos os fazem sempre informativos e, por isso, mais usuais que no espanhol.

Maia e Cunha Lima (no prelo) replicaram o primeiro experimento de Gelormini-Lezama e Almor (2011, p. 442) para o português brasileiro. Os pares de frases, traduzidos ou adaptados, continham referentes e anáforas na terceira pessoa do singular. Os resultados mostraram que os pronomes nulos foram mais rapidamente processados. Os outros dois tipos não apresentaram entre si diferença estatisticamente significativa, o que tampouco se verificou entre nomes repetidos e pronomes nulos. Entretanto, essa diferença ocorreu entre pronomes plenos e nulos. Verificou-se, assim, que a penalidade do nome repetido, comum ao inglês, chinês e espanhol, não ocorreu no português brasileiro. A ocorrência da penalidade do pronome pleno igualmente contrariou as expectativas, pois, segundo a literatura, o português brasileiro vem perdendo a propriedade *pro-drop* que favoreceria o maior uso de pronomes nulos, observando-se grande prevalência do uso de pronomes plenos.

2.2. O parâmetro *pro-drop* e o português brasileiro

O português brasileiro vem apresentando um crescente enfraquecimento do paradigma verbal, conforme explica Duarte (1996, p. 96). Segundo a autora, a língua tem três paradigmas em sua história evolutiva

e, no estágio atual, coexistem o segundo e o terceiro. O primeiro paradigma apresentava seis formas distintas mais dois sincretismos (segunda pessoa indireta utilizando formas verbais da terceira pessoa). O segundo apresenta quatro formas, em razão da perda da segunda pessoa direta, e restringe-se, atualmente, à língua escrita e à língua oral de faixas etárias mais altas. O paradigma mais recente tem apenas três formas, devido ao processo de perda do pronome de primeira pessoa do plural, “nós”. A expressão “a gente”, comum na fala dos jovens e já atingindo faixas etárias mais altas, utiliza formas verbais da terceira pessoa do singular. Embora não seja consenso na literatura a ordem dos fatores, Duarte (1996, p. 96) afirma ser natural esperar alterações importantes no sistema de representação do pronome sujeito em decorrência desse enfraquecimento no paradigma verbal do português brasileiro.

2.2.1. Português brasileiro não pro-drop? A tendência apontada na literatura

Os estudos na literatura vêm retratando a evolução apontada pelos teóricos no que se refere ao parâmetro *pro-drop*/não *pro-drop* no português brasileiro.

Dentre os vários fatores condicionantes que podem ser considerados nesses estudos, tal como feito na pesquisa de Duarte (1996, p. 102), decidiu-se destacar, para relatar no presente trabalho, aquele mais representativo do panorama geral do fenômeno: o número e a pessoa *versus* o paradigma verbal ao longo do tempo. A pesquisadora selecionou sete textos com datas de publicação distribuídas entre 1845 e 1992. Os resultados mostraram que em 1845, 1882 e 1918 houve preferência pelo sujeito nulo, seguida de queda significativa do padrão *pro-drop* a partir de 1918 e culminando praticamente em inversão na frequência entre sujeitos nulos e plenos em 1992, se comparado a 1845. Duarte (1996, p. 102), a partir dessa análise dos dados, classifica os períodos observados conforme três paradigmas flexionais (cf. seção 2.2): 1845, 1882 e 1918 no primeiro paradigma, 1937, 1955 no segundo e 1975 concomitantemente no segundo e no terceiro.

Em relação ao número e às pessoas do discurso estudados por Duarte (1996, p. 102), serão destacados aqueles correspondentes à proposta do presente trabalho: a primeira e a terceira pessoas do singular. Com foco nas pessoas do singular, Duarte (1996, p. 102) observou em seus dados a perda da segunda pessoa direta, substituída por pronomes de trata-

mento, que assumem formas verbais da terceira pessoa. O desuso da segunda pessoa direta, com marcas morfológicas distintivas e exclusivas, ocasionou a mudança no padrão de sujeitos nulos nessa pessoa do discurso de 69% em 1918 para 25% em 1937. Além disso, o advento da expressão “a gente” como variante de “nós”, embora com dados pouco expressivos no estudo, mostrou-se também como fator de incremento na queda do pronome nulo ao longo dos anos. Na amostra, a terceira pessoa direta foi a única que tendeu a manter o padrão *pro-drop*, com sujeitos nulos quando o referente não é passível de ambiguidade (“referente esperado”). Quanto à primeira pessoa do singular, a queda no uso de sujeitos nulos ocorreu, embora não tão bruscamente quanto na terceira pessoa. O fato de a desinência verbal ser exclusiva na referida pessoa não seria suficiente para manter apenas nela o padrão *pro-drop*, em razão, possivelmente, da influência global do fenômeno em todo o paradigma verbal.

Magalhães (2007) analisou o parâmetro *pro-drop* em um estudo comparativo entre o português europeu e o português brasileiro na fase de aquisição da linguagem. O uso dos pronomes sujeito foi observado em amostras da fala espontânea de duas crianças portuguesas e duas brasileiras. Elas foram avaliadas em 12 sessões com intervalos regulares de um mês, aproximadamente dos 2 aos 3 anos de idade. Os resultados mostraram que a produção de sujeitos nulos pelas crianças portuguesas oscila pouco, mantendo-se estável (quase sempre acima de 65%) ao longo do tempo, da primeira à última sessão do experimento. No caso das crianças brasileiras, por sua vez, a produção de sujeitos nulos é instável, apresentando queda com o avanço das sessões (de 70-80% a 40%). Segundo a pesquisadora, a produção de sujeitos nulos no início da aquisição do português brasileiro é inflacionada devido à união dos casos em que ele é lícito na gramática ao fato de que, tipicamente, crianças usam a terceira pessoa do singular para referir outras pessoas. No momento em que a terceira pessoa se dilui em favor de outras pessoas gramaticais, os pronomes livres vão surgindo, pois o português brasileiro não os marca morfológicamente e, dessa forma, os percentuais de sujeitos nulos caem. Já no português europeu, o sistema unipessoal da criança passa a um sistema pluri-pessoal que continua *pro-drop*.

Souza e Sachet (2008) estudaram a variação diamésica (ou seja, contrastando os meios, fala e escrita) do preenchimento do sujeito pronominal nas produções de jovens de Florianópolis entre 14 e 16 anos de idade, da oitava série do ensino fundamental e do segundo ano do ensino médio, respectivamente. A amostra consistia na narração oral e posteri-

ormente escrita de uma mesma história criada pelos participantes. Os resultados mostraram que houve emprego da variante sujeito pleno em 58% do total de ocorrências, com um peso relativo de 0,64 na fala e 0,34 na escrita. Não houve diferença estatisticamente significativa para a variável independente escolaridade. A variação diamétrica encontrada correspondeu à expectativa, pois, como afirmam as autoras, a língua escrita difere da língua falada e a primeira é bastante mais monitorada para atender à norma culta padrão. Assim, a maior escolaridade deveria resultar em influência visível no menor uso do pronome preenchido na modalidade escrita, o que não se verificou na amostra. Souza e Sachet (2008) sugerem que a pequena diferença de escolaridade entre os sujeitos teria mascarado esse efeito.

3. Metodologia

3.1. Material

Os dados que compuseram a amostra foram retirados do *Corpus do Português*. Idealmente, o estudo da variação linguística deve ser feito em *corpus* de fala. Entretanto, não seria possível contar com esse tipo de material para o estudo diacrônico proposto, comparando os séculos XIX e XX. As ocorrências do *corpus* de fala do banco de dados consultado estavam disponíveis para o século XX, mas não para o século XIX, e apresentava, além disso, baixo número de itens que atendessem aos critérios do presente estudo. Assim, embora se saiba que textos escritos não correspondem exatamente a textos orais, uma questão metodológica discutida na literatura (e.g., ALVES; VIEGAS, no prelo; SOUZA; SACHET, 2008), utilizou-se a ferramenta escrita como suporte para esta pesquisa, partindo-se do pressuposto de que ela registra indícios dos fenômenos presentes na linguagem oral (ALVES; VIEGAS, no prelo).

Quatro grupos foram formados: dois que tinham como palavra-chave o verbo “ouvi”, o primeiro com textos ficcionais do século XIX e o segundo, do século XX; e outros dois com a palavra-chave “ouviu”, com o mesmo gênero textual e também divididos entre os séculos XIX e XX. Dessa forma, contou-se com dois grupos com dados referentes à primeira pessoa do singular e outros dois grupos referentes à terceira pessoa do singular. Os verbos podiam apresentar pronomes nulos ou plenos na função de sujeito, pois estavam em contexto cujo emprego do pronome era variável.

Em relação ao tipo de frase, a princípio apenas comporiam a amostra frases com somente um tipo estrutural, de modo a garantir a homogeneidade nos grupos e a facilitar, assim, as comparações entre eles. A estrutura escolhida seria aquela formada por uma oração coordenada não inicial, em que o verbo seria a palavra-chave “ouviu”, nos grupos de terceira pessoa, ou “ouvi”, nos grupos de primeira, anteposta por uma oração principal, em que o referente estaria explicitado. Contudo, esse tipo de estrutura teve ocorrência pouco expressiva na amostra, impossibilitando a consecução de um número de dados estatisticamente tratável. Decidiu-se, portanto, ampliar o escopo de estruturas oracionais, admitindo todas aquelas consideradas como contexto no qual o emprego do pronome sujeito é variável, com variantes “nulo” ou “pleno”. Paredes Silva (2003, p. 109) inclui vários outros tipos além da coordenada não inicial: independentes (orações absolutas ou períodos simples), principais antepostas, principais pospostas e subordinadas. Para cada grupo, foram selecionadas as 100 primeiras frases que atenderam a esse critério.

3.2. Procedimento

Cada ocorrência dos verbos “ouvi” e “ouviu” foi codificada, dentro da amostra, quanto ao critério uso do pronome nulo ou uso do pronome pleno. Além disso, os dois grupos formados com a palavra-chave “ouviu”, terceira pessoa do singular, tiveram seus pronomes, tanto nulos quanto plenos, classificados quanto ao referente: “a gente” (expressão que indica a primeira pessoa do plural), segunda pessoa indireta (pronomes de tratamento, como *você* e *o senhor*) e terceira pessoa direta (*ele* ou *ela*).

3.3. Análise dos dados

Os dados, devidamente categorizados quanto à presença ou ausência do pronome sujeito, foram contabilizados para levantamento do número absoluto de ocorrências para cada um dos grupos, ou seja, por pessoa (primeira e terceira, “ouvi” e “ouviu”) e século (XIX e XX). Para a comparação das proporções das ocorrências para cada pessoa por entre os séculos utilizou-se o teste de qui-quadrado, a fim de se verificar se a diferença encontrada tinha relevância estatística.

Com relação aos tipos de referente no grupo de terceira pessoa (verbo na forma “ouviu”), fez-se um cálculo percentual para a explicita-

ção desse aspecto na amostra. Fez-se, ainda, para cada tipo, o cálculo percentual das ocorrências de pronomes nulos e plenos.

4. Resultados

Fez-se o levantamento no *Corpus do Português* das ocorrências de “ouvi” e “ouviu” cujo contexto era variável quanto ao uso de pronome pleno ou pronome nulo, em textos ficcionais dos séculos XIX e XX. Foram 100 ocorrências para cada um dos quatro grupos mencionados, das quais se listam a seguir exemplos, em cada condição observada:

Século XIX, primeira pessoa do singular:

– Tolo! chamar-me de judeu e tratante! Eu tudo *ouvi* por trás daquela cortina! (pronome pleno)

– Que há de novo? – inquiriu Luzia. – *Ouvi* estarem falando, na casa da Comissão, que o doutor José Júlio deu ordem... (pronome nulo)

Século XIX, terceira pessoa do singular:

... absorva em sincera prece, ela *ouviu* a missa, celebrada pelo vigário Vicente Jorge de Sousa, cuja voz... (pronome pleno)

RODRIGO – Nessas condições talvez não ouvisse nada. ÂNGELO – *Ouviu* com certeza. Pôs-se a chorar.. um choro de raiva... (pronome nulo)

Século XX, primeira pessoa do singular:

“Quantas histórias eu já não *ouvi* você contar dormindo”, disse o Jorge. Eu já não sabia como refutar. (pronome pleno)

Só vi as duas cenas. *Ouvi* o que me contaram depois. E o resto eu imaginei. (pronome nulo)

Século XX, terceira pessoa do singular:

– Sim.. o porco. Mas deixa o porco pra lá.. você nunca *ouviu* falar numa vaca.. numa vaca.. – eu tinha dificuldade de ser claro – (pronome pleno)

Mas o cabra não desceu. Só *ouviu* ele dizer: “Rebentou o tutano”. Percebeu os dois partindo. (pronome nulo)

As tabelas 1 e 2 mostram os valores absolutos dessas ocorrências, bem como o tratamento estatístico feito por meio do teste de qui-quadrado. A tabela 1 se refere à primeira pessoa, investigada por meio da palavra-chave “ouvi”.

Pronome	Século XIX	Século XX	Total
Pleno	15	16	31
Nulo	85	84	169
Total	100	100	200

**Tabela 1 – Pronomes sujeito de “ouvi” nos séculos XIX e XX: teste de qui-quadrado
p-valor = 0,8450917067**

Observa-se, pela análise da tabela 1, que a diferença por entre os séculos foi inexpressiva, com o aumento de apenas uma ocorrência no valor absoluto de pronomes sujeitos plenos do século XIX para o XX. O p-valor = 0,85, $p > 0,05$, confirma a análise, mostrando que a diferença encontrada na proporção da variação entre os pronomes por entre os séculos não foi estatisticamente significativa. Esse resultado indica que, na primeira pessoa do singular, o uso do pronome sujeito apresenta variação estável.

A tabela 2 se refere à terceira pessoa, cuja busca no *corpus* foi realizada com o verbo “ouviu”.

Pronome	Século XIX	Século XX	Total
Pleno	7	19	26
Nulo	93	81	174
Total	100	100	200

**Tabela 2 – Pronomes sujeito de “ouviu” nos séculos XIX e XX: teste de qui-quadrado
p-valor = 0,0116324399**

Essa tabela exhibe uma diferença por entre os séculos, representada por um aumento no valor absoluto de ocorrências do pronome pleno e consequente diminuição no emprego do pronome nulo. O p-valor = 0,012, $p < 0,05$, atesta que a diferença na proporção do uso de pronomes plenos e nulos do século XIX para o século XX é estatisticamente significativa. Esse resultado é indicativo de que a variável está em progressão, com a variante “pronome pleno” avançando em relação à variante “pronome nulo”.

Além do levantamento do número de ocorrências por entre os séculos procedeu-se, também, nos grupos de terceira pessoa, verbo “ouviu”, à análise do tipo de referente: a expressão “a gente” (referente à primeira pessoa do plural, nós), a segunda pessoa indireta (pronomes de tratamento, como *você* e *o senhor*) e a terceira pessoa direta (*ele* ou *ela*).

Os exemplos de cada tipo de ocorrência foram retirados da amostra desta pesquisa:

Século XIX, segunda pessoa indireta:

MARCELO – É que o senhor ainda não *ouviu* um fadinho bem rasgadinho e bem choradinho. (pronome pleno)

... estou aqui, eu, para o defender, *ouviu?* – Sim senhor, fez o marinheirito levantando o olhar com uma expressão de... (pronome nulo)

Século XIX, terceira pessoa direta:

Um bando de urus vinham-se aproximando; por duas vezes *ouviu* ela perto o seu harpejo aflautado, sonoro, intercadente. (pronome pleno)

Penetrante e atroz foi a magoa sentida por Lourenço, quando *ouviu* as acerbas palavras da filha de Vitorino. (pronome nulo)

Século XX, segunda pessoa indireta:

Paavo assustou-se com um pranto de criança. – Você *ouviu*, Rui? O bodegueiro espremeu os olhos e só divisou fumaça. (pronome pleno)

O senhor acredita que só existe o plano em que vivemos? Nunca *ouviu* falar em universos paralelos, planos astrais, outras dimensões da matéria? (pronome nulo)

Século XX, terceira pessoa direta:

Eu disse: – Conheci a sua mãe. Não sei se ela *ouviu*. Deu um beijo frio no meu rosto: – Amanhã sem falta. Liga... (pronome pleno)

Rita chorava de saudades desse tempo. *Ouviu* uma discussão, um alarido pras bandas da bodega. Foi andando até ali. (pronome nulo)

Não houve ocorrência de “a gente” na amostra. O referente do tipo segunda pessoa indireta correspondeu a 21% das ocorrências do século XIX, representando 42,86% dos pronomes plenos e 19,35% dos nulos. Do total de 21 ocorrências desse referente na amostra do século XIX, 14,29% assumiram a forma de pronome pleno e 85,71% a de pronome nulo. No grupo do século XX, o percentual desse referente foi de 25%, 68,42% dos pronomes plenos e 14,81% do total de nulos. Do total de 25 ocorrências para esse século, 52% eram sujeitos plenos e 48%, nulos. O referente de terceira pessoa direta, por sua vez, representou 79% da amostra do século XIX, 57,14% dos pronomes plenos e 80,65% dos pronomes nulos. Do total de 79 ocorrências na amostra, 5,06% eram pronomes plenos e 94,94%, nulos. No século XX o valor encontrado foi de 75%, 31,58% dos pronomes plenos e 85,19% dos pronomes nulos. Do total de 75 ocorrências na amostra para esse século, 8% eram sujeitos plenos e 92%, nulos.

5. Discussão

Os achados do presente estudo são condizentes com a literatura em vários aspectos. Os dados confirmam a tendência não *pro-drop* que vem se instalando no paradigma verbal do português brasileiro (cf., DUARTE, 1996; MAGALHÃES, 2007; SOUZA; SACHET, 2008). Entretanto, conforme afirma Duarte (1996, p. 125), a língua ainda está passando pelo processo, o que faz com que ela esteja em uma fase mista ou de transição. Os resultados desta pesquisa mostraram-se um reflexo de dita fase. É provável que por essa razão os resultados encontrados para a primeira pessoa (ver Tabela 1) tenham sido diferentes daqueles obtidos na comparação dos grupos de terceira pessoa do singular (ver Tabela 2).

O aumento verificado no emprego do pronome pleno nesta pesquisa, comparando-se o século XIX ao XX, somente foi significativo para a terceira pessoa do singular (p -valor = 0,012, $p < 0,05$). A literatura aponta que a tendência não *pro-drop* no português brasileiro é mais evidente nessa pessoa do discurso devido ao sincretismo que aí se verifica, com as segundas pessoas indiretas e a expressão “a gente”, correspondente a “nós”, utilizando-se de sua conjugação (DUARTE, 1996, p. 103; MAGALHÃES, 2007, p. 109). Magalhães (2007, p. 109) mostrou que isso pode ser observado já na fase de aquisição da linguagem, tendo sido justamente o advento desses referentes adicionais de terceira pessoa os responsáveis por diferenciar o padrão brasileiro daquele adotado pelas crianças portuguesas, com o aumento do uso do pronome pleno. A literatura explica que esse tipo de comportamento linguístico atende à funcionalidade (ROBERTS, 1993, p. 150) ou ao menor custo cognitivo de processamento (ALMOR, 1999, p. 750), já que evita ambiguidades não resolvidas pela morfologia verbal.

Contudo, segundo Duarte (1996, p. 107), o comportamento dos distintos referentes quanto ao padrão *pro-drop* nessa pessoa do discurso não é uniforme: a terceira pessoa direta tenderia a manter o padrão *pro-drop*, favorecendo o pronome nulo em contextos não ambíguos. Os dados do presente estudo a respeito desse aspecto encontram correspondência com os dados de Duarte (1996, p. 107). A terceira pessoa direta realmente parece favorecer a manutenção do parâmetro *pro-drop*. 94,94% de suas ocorrências no século XIX e 92% no século XX se manifestaram por meio do pronome nulo, mostrando, assim, uma cifra semelhante ao longo do tempo. A segunda pessoa indireta, por sua vez, com os valores percentuais de 85,71% e 48%, respectivamente, mostra uma queda na

preferência pelo pronome nulo. Quanto ao referente “a gente”, ele não pôde ser avaliado porque não ocorreu em nenhuma das amostras.

Essa peculiaridade da terceira pessoa direta trazida por Duarte (1996, p. 107) pode justificar os achados de Maia e Cunha Lima (no prelo). Em seu estudo de processamento da leitura, os pesquisadores esperavam encontrar tempos baixos de processamento dos pronomes sujeito do tipo pleno na terceira pessoa do singular, atendendo ao padrão não *pro-drop* que vem se instalando no português brasileiro, e não foi o que se verificou. Além disso, o achado pode também ter sido manifestação da variação diamésica. Souza e Sachet (2008, p. 7) compararam o uso do pronome pleno nos meios escrito e oral e encontraram um peso relativo quase duas vezes maior neste último, concluindo que a escrita tem tendência mais conservadora. Duarte (1996, p. 107) realizou essa comparação especificamente para a terceira pessoa direta do singular ao contrastar um texto escrito com sua versão oral, no teatro, e constatou o mesmo: é maior o uso de pronomes plenos na língua oral.

Em relação à primeira pessoa do singular, a ausência de significância estatística nos achados do presente estudo (p -valor = 0,85, $p > 0,05$) encontra respaldo nos achados de Duarte (1996, p. 102). No trabalho dessa pesquisadora, embora uma diferença significativa ao longo do tempo tenha ocorrido quanto ao aumento do uso do pronome pleno também na primeira pessoa, ela ocorreu de forma menos expressiva quando comparada à terceira pessoa. A isso a autora atribuiu um efeito de forças opostas sobre a primeira pessoa. Embora a desinência verbal que lhe corresponde seja suficiente para a manutenção do parâmetro *pro-drop*, essa pessoa do discurso estaria sendo influenciada pelo fenômeno global de tendência não *pro-drop* que atinge todo o paradigma verbal do português brasileiro.

6. Conclusões

Os achados deste estudo são conformes com a literatura e colaboram, assim, com a elucidação da tendência que vem sendo descrita a respeito da instalação do padrão não *pro-drop* no português brasileiro. Os resultados mostraram que a variável “uso do pronome sujeito” está em progressão na terceira pessoa do singular, com o avanço da variante “pronome pleno”, e encontra-se estável na primeira pessoa do singular. Como o sistema da língua ainda é misto, é compreensível que se verifique a tendência ao novo parâmetro de forma mais expressiva em pessoas

verbais que apresentam sincretismo (a terceira pessoa) que naquelas de morfologia verbal exclusiva (primeira pessoa).

A mudança no paradigma verbal do português brasileiro sofre um enfraquecimento conjugado à gradativa adoção do pronome pleno para atender a uma máxima geral, a da funcionalidade, que atua em prol do menor custo cognitivo de processamento de estruturas linguísticas. Essa constatação pode ser explorada e mais profundamente investigada em trabalhos conjuntos entre as áreas de variação linguística e psicolinguística.

Quanto à metodologia do estudo, é sabido que os corpora escritos não são os mais adequados para os estudos variacionistas. Porém, tal como verificado na presente pesquisa, eles têm se mostrado eficientes. Essa ferramenta, além de resolver a questão da impossibilidade técnica de se realizarem estudos diacrônicos em corpora orais comparando séculos, apresentou dados coerentes com os indícios apontados pela língua oral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMOR, A. Noun-phrase anaphora and focus: the informational load hypothesis. *Psychological Review*, v. 106, n. 4, p. 748-765, 1999. Disponível em:

<http://alab.psc.sc.edu/images/Publications/Almor_PsychRev_1999.pdf>.

Acesso em: 08 jun. 2013.

ALVES, J. D. S. R.; VIEGAS, M. C. *Formas variantes LOIRA ~ LOURA e LOIÇA ~ LOUÇA na história do português*. [No prelo].

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

DAVIES, M., FERREIRA, M.J., NEH. *O corpus do português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 05-06-2013.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 96-126.

GELORMINI-LEZAMA, C.; ALMOR, A. Repeated names, overt pronouns, and null pronouns in Spanish. *Language and Cognitive Processes*, v. 26, n. 3, p. 437-454, 2011.

GERNSBACHER, M. A. Mechanisms that improve referential access. *Cognition*, n. 32, p. 99-156, 1989. Disponível em: <http://psych.wisc.edu/lang/pdf/Gernsbacher_Referential-Access_Cog_1989.pdf>. Acesso em: 07-06-2013.

GORDON, p. C. *et al.*. Pronouns, names and the centering of attention in discourse. *Cognitive Science*, n.17, p. 311-347, 1993.

HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, n. 4, p. 531-575, 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 09-06-2013.

JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989.

MAGALHÃES, T. M. V. (2007). A aquisição de pronomes sujeitos no PB e no PE. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 97-112, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/673/488>>. Acesso em: 09-06-2013.

MAIA, J. C.; CUNHA LIMA, M. L. *Referenciação e técnicas experimentais: aspectos metodológicos na investigação do processamento cor-referencial em português brasileiro*. [No prelo.]

PAREDES SILVA, V. L. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Contra Capa, 2003, p. 97-114.

ROBERTS, Ian G. *Verbs and diachronic syntax: a comparative history of English and French*. Dordrecht; Boston: Kluwer Academic, 1993.

SOUZA, C. M. N.; SACHET, p. F. Um estudo sobre o preenchimento do sujeito pronominal na fala e na escrita de jovens de Florianópolis. In: CÍRCULO de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), 8. 2008, Rio Grande do Sul. *Anais...* Rio Grande do Sul: UFRGS, 2008. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/quanto_mais_eu_vivo.pdf>. Acesso em: 09-06-2013.

YANG *et al.*. Comprehension of referring expressions in Chinese. *Language and Cognitive Processes*, v. 14, n. 5/6, p. 715-743, 1999. Disponível em: <<http://www.unc.edu/~pcg/personal/documents/YangGordonHendrickWuLCP1999.pdf>>. Acesso em: 08-06-2013.

**ABORDAGEM LEXICOLÓGICA-LEXICOGRÁFICA
DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
DA VARIANTE DO ESPANHOL FALADO EM COBIJA**

Christiane da Cunha Santiago (UFAC)

chris.iorv.vida@hotmail.com

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as expressões idiomáticas atuais da variante da língua espanhola falada na cidade de Cobija, departamento do Pando, Bolívia, na região que faz fronteira com o município de Brasileia (AC-Brasil), com vistas à elaboração de um glossário bilíngue espanhol-português voltado para a variante do espanhol falado em Cobija. De forma resumida, o estudo será desenvolvido nas seguintes etapas: coleta dos dados em fontes escritas: dois manuais de ensino do espanhol, nível intermediário, e páginas da WEB (sítios, blogs); transcrição das expressões idiomáticas em fichas lexicológicas; triagem da nominata com o auxílio de seis informantes cobijenhos; montagem do glossário ao qual poderão ser acrescentadas lexias propostas pelos informantes. A pesquisa, fundamentada na lexicologia e na lexicografia, pretende preencher lacuna dos dicionários e dos manuais de ensino do espanhol no que tange às referências às variantes sul-americanas dessa língua. Os verbetes conterão as lexias e seus correspondentes em português, dentre outros elementos.

Palavras-chave:

Lexicologia. Lexicografia. Glossário. Expressões Idiomáticas. Língua Espanhola.

1. Introdução

Neste estudo, pretendemos coletar e apresentar, em forma de glossário, expressões idiomáticas (EI) da língua espanhola, utilizadas na cidade de Cobija, região fronteiriça ao município de Brasileia no estado do Acre. O objetivo mais amplo é que o glossário se torne um instrumento facilitador para o processo de ensino-aprendizagem formal da referida língua, principalmente no meio universitário, bem como em escolas e centros de línguas, junto a um público adulto e/ou que já detenha as noções básicas do espanhol.

A percepção da necessidade de elaborar esse glossário veio da observação das dificuldades de compreensão do espanhol falado em Cobija, por parte de alunos do curso de letras/espanhol da UFAC, pois, embora esses alunos consigam comunicar-se na língua estrangeira (LE) com os bolivianos de Cobija, essa comunicação esbarra na dificuldade de com-